

## **ANTES DA POEIRA BAIXAR: REFLEXÕES SOBRE UMA ARQUEOLOGIA DO PASSADO RECENTE.**

**Beatriz Valladão Thiesen**

Doutora, Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande.  
Coordenadora do LiberStudium - Laboratório de Arqueologia do Capitalismo/FURG

### **Resumo:**

Procuro realizar aqui algumas reflexões em torno das possibilidades e consequências da realização de uma arqueologia do passado recente. Busco a posição desses estudos no quadro geral da ciência arqueológica, questiono a sua significância e as implicações da posição do pesquisador diante do fato de, muitas vezes, estar envolvido pessoalmente no tempo que está pesquisando.

**Palavras-Chave:** Arqueologia, Mundo Contemporâneo, Passado Recente

### **Abstract:**

I try to attain here some reflections around the possibilities and consequences of a recent past archaeology accomplishment. I seek the position of these studies in the general frame of the archaeological science, I question its significance and the implications of the researcher position in front of the fact that, many times the researcher is personally involved in the same time the research is taking place.

**Key-words:** archeology, contemporary world, recent past

Início minhas reflexões com uma consideração feita por James Symonds (2010) que diz que por mais de 150 anos, a arqueologia tem tido o claro propósito de esboçar a topografia do passado, desde o pináculo do presente. De fato, durante décadas tivemos a pretensão de contar coisas, caquinhos e até histórias, mais ou menos objetivas, dependendo de nossa posição teórica, do alto da nossa arrogância de cientistas distanciados.

Mas também não é de hoje que a arqueologia tem buscado superar a concepção de tempo linear e a divisão arbitrária entre passado e presente. Atualmente, uma ampla (ou nem tão ampla assim) parte dos arqueólogos concorda que a arqueologia é uma prática contemporânea, feita com os pés, as mãos e a cabeça no presente. Esta posição é especialmente cara aos arqueólogos que têm lançado mão de uma abordagem simétrica. Eles têm buscado superar os dualismos cartesianos, considerando que coisas e pessoas, ou, passado e presente não são entidades separadas ontologicamente. Mesmo pesquisadores que não adotaram esta abordagem simétrica, têm cada vez mais reconhecido o que poderíamos chamar de “perda da antiguidade” do nosso trabalho. Já não espanta mais que os arqueólogos ditos “históricos” pesquisem temas ligados, por exemplo, à industrialização do século XX. E isto, por surpreendente que possa parecer, é uma atitude bem recente no nosso meio. Lembro-me de enfrentar problemas no final da década de 90, dentro da academia, por desenvolver um trabalho que abordava um período de tempo muito recente, associado ao uso de metodologias que excluía a escavação. Isto já ocorreu há duas décadas e, depois disso não só a discussão em nosso meio andou, mas também

as pesquisas, com seus inevitáveis problemas e questionamentos. E esta mesa é um sintoma disto.

Mas, como sempre, cá estamos nós correndo atrás do trem. Considero digno de nota o fato de que na França, já na década de 1980, os arqueólogos Philippe Bruneau e Pierre-Yves Balut, diretores do Centre d'archeologiemoderneetcontemporaine da Université de Paris-Sorbone, editaram a revista RAMAGE (Revista d' ArchaeologieModerne et d' ArchaeologieGenerale), que publicou diversos artigos, quase desconhecidos no Brasil, que incluíram títulos como: “Arqueologia dos brinquedos de imitação”, “Arqueologia da sanção escolar”, “A calça feminina”, ou, “Sobre os cartazes da eleição presidencial de 1981”. Apenas para citar alguns exemplos. O que demonstra que aqueles que pensam que a França não mais produz teoria, e estagnou em antigas proposições, estão bastante enganados e que é preciso olhar, sim, para a produção europeia.

O mundo anglo-saxão organizou a sua primeira conferência da CHAT (ContemporaryandHistoricalArchaeology in Theory) anos depois, em 2003, em Bristol. Ou seja, há apenas 10 anos. Mas a CHAT congregou arqueólogos do mundo inteiro e suas discussões são altamente profícuas e têm resultado em publicações de grande qualidade, além de criativas e inovadoras.

Uma das principais questões debatidas diz respeito às consequências de abandonar a noção de profundidade temporal:

Alfredo Gonzalez-Ruibal(2008) aponta duas questões importantes: por um lado, ao estudarmos sociedades próximas temporalmente, a nossa própria sociedade, não perderemos a noção de distância e de alteridade? Que implicações isto tem no fazer arqueológico? Por outro lado, aponta, o trabalho como passado recente é menos significativo?

Com relação à primeira questão, ou seja, sobre a perda de distanciamento e noção de alteridade, escrevi, em 1999, na minha dissertação de mestrado, onde estudei a cidade onde nasci e, até então, onde sempre havia vivido:

“Realizar o que os antropólogos chamam de “estranhamento” foi um exercício difícil. Não se tratava apenas de ver com outros olhos um espaço tão conhecido, mas para além disto e como alertou Gilberto Velho (1980:17), perceber sistemas de classificação e representações de uma sociedade que, em muitos aspectos, é a minha própria sociedade. Colocava-se a questão de enfrentar os meus próprios limites de participante de uma cultura, de um grupo social e, portanto, com uma visão de mundo de alguma forma comprometida .

Não cabe analisar aqui esse processo de transformação do familiar em exótico, apenas sublinhar o fato de que a aparente facilidade de estudar um objeto já tão “conhecido” é o que torna a tarefa mais difícil e complexa: é preciso questionar aquilo que pela própria familiaridade parece ser o natural, na verdade, o senso-comum. É duvidar de conhecimentos consagrados, criticar, problematizar e questionar o objeto e a si mesmo.” (THIESEN, 1999:22)

De fato, não é fácil falar de nós mesmos. Não é simples analisar algo do qual temos uma memória viva, ou onde estamos pessoalmente envolvidos. A Arqueologia do Passado Recente é,

conforme Ruibal (2008), a Arqueologia do trauma, da emoção, do envolvimento íntimo. Envolverimento íntimo, emoção, trauma, são ingredientes especiais para uma receita de subjetivismo. No entanto, e tomando as palavras de Gilberto Velho, em seu clássico artigo *Observando o Familiar*, de 1978, “*Não vejo isto como um impedimento ao trabalho científico, mas como uma lembrança de humildade e controle de onipotência tão comum em nosso meio.*” A ideia de que a subjetividade é algo a ser extirpado do conhecimento científico, por se tratar de uma deficiência, já foi, há muito tempo, abandonada. Então, esta questão da perda do distanciamento e da noção de alteridade que a pesquisa com o Passado Recente apresentaria, não se constitui em problema.

A outra questão, ou seja, a de que o passado recente é menos significativo que o passado remoto, talvez precise de uma discussão mais aprofundada.

Coloco uma pergunta bem simples: diante de duas estruturas de habitação, uma em um sítio arqueológico pré-colonial e outra em um sítio arqueológico histórico, qual é a mais importante? Óbvio, todos dirão: os dois! Mas vamos ver situações práticas: arqueologia empresarial, por exemplo. No Rio Grande do Sul, é clássico: qualquer sítio arqueológico guarani e seus recorrentes cacos de cerâmica corrugada é alvo de salvamento, mas a minoria dos assentamentos históricos o é. Mesmo o IPHAN, na maioria das vezes não reconhece como sítio arqueológico uma estrutura arquitetônica, por exemplo, da década de 1930. Pior: os próprios arqueólogos não reconhecem. Para uma grande parte deles, século XX não é para ser estudado por arqueólogos! Assim, é evidente que, para o comum das pessoas e para a maioria dos arqueólogos, o passado recente tem menos significância que o passado remoto. Mas onde reside a causa disto? Arrisco uma resposta: por um lado, na convicção que o passado recente pode ser conhecido por outros meios (documentos escritos, fotografias e, mesmo, pessoas que podem testemunhar, porque ainda estão vivas). E, por outro, na crença de que se um vestígio remanescente for destruído, haverá muitos outros para serem estudados no futuro.

Com relação à primeira causa, quero lembrar o evidente: a cultura material, por ser produzida por todos, contará outra história, em geral alternativa aos documentos escritos, iconográficos e, mesmo, às versões faladas. Isto já foi por demais discutido, e não me deterei em fazer mais um arrazoado sobre esta questão.

Com relação à segunda causa, ou seja, o fato de que tais restos são por demais comuns e substituíveis, gostaria de me deter um pouco e levantar algumas questões.

Desde a modernidade, o mundo é marcado por três características: intensa produção, consumo frenético e destruição em escala extraordinária (Gonzalez –Ruibal(2008). Essas 3 características têm se tornado mais intensas no período mais recente, que Ruibal(2008) chama de supermodernidade e que começou após a primeira Guerra Mundial, especialmente o ímpeto destrutivo, que este autor considera como o traço mais marcante de nossa época. Ele diz:

“Não me refiro apenas à súbita e absoluta devastação (como a de Chernobyl). Muitos processos destrutivos trazidos pela supermodernidade são relativamente lentos e graduais: considere a formação de pós-paisagens (como Detroit) ou o abandono de zonas rurais devido ao êxodo em direção às cidades.” (GONZALEZ-RUIBAL,2008)

Essa intensa destruição leva, inúmeras vezes, a outra destruição que corresponde ao saneamento da paisagem e da memória. Ou seja, extirpamos aqueles traços que lembram algo que queremos esquecer, ou que, pelo menos os que têm o poder de controlar o que deve ou não ser lembrado, querem esquecer. E isso não acontece, como sabemos, necessariamente de forma consciente.

Quero dar um exemplo de algo que ocorreu muito próximo a mim, há tempos atrás. Não citarei nomes, mas afirmo que é uma historinha verdadeira. Há alguns anos, um arqueólogo fez uma pesquisa arqueológica em uma casa que pertenceu a um rico comerciante do século XIX. Esta casa, no transcorrer dos anos, teve várias outras funções, além de servir de residência de elite. Seu último uso oficial foi como cortiço. Depois, foi abandonada e, em ruínas, serviu de lugar de encontro de viciados, moradores de rua e outros marginalizados. Quando o trabalho arqueológico foi realizado, o pesquisador lembrou-se de recolher amostras da cultura material dos últimos e penúltimos ocupantes do imóvel. Não as estudou e, como de costume, privilegiou em suas análises, o período de apogeu do sítio: o de unidade doméstica de elite. Isto foi há muitos anos e acho realmente importante salientar a preocupação em registrar e guardar um mínimo de sinais daqueles sem voz. O tempo passou e o material ficou encaixotado durante anos num laboratório, sem que ninguém se preocupasse, ou se ocupasse dele. Recentemente, a direção dessa instituição decidiu descartar tais elementos, sob a alegação de ser material recente e, muitas vezes, de impossível interpretação (para o caso de um numeroso percentual de cacos de vidro de janela presentes na amostra).

Essa pequena história nos mostra o quanto destruímos e o quanto a arqueologia é capaz de intervir no sentido de resguardar certas memórias. O quanto o trabalho arqueológico tem sido absurdamente parcial ao escolher contar a história mais antiga, preferentemente aquela que diz respeito ao momento de clímax do sítio e desconsiderar as histórias mais recentes, daquelas pessoas que não nos importam e que, muitas vezes, lutamos para esquecer.

Considero que o fazer arqueológico do passado recente possui uma importante relevância social que não existe para arqueologia de períodos mais antigos. Se a sociedade ocidental contemporânea tem como uma de suas principais características a destruição e o consequente esquecimento de si mesma, creio que o arqueólogo do passado recente tem uma importante contribuição a fazer: documentar a vida presente para as gerações futuras. Ao mesmo tempo, essa arqueologia pode ter o importante papel de desbanalizar o passado recente,

mostrando, escancarando, o drama, os traumas e, porque não, as soluções da nossa vida cotidiana.

Finalmente, se nós nos desobrigamos dos parâmetros temporais e passamos a considerar que qualquer material pode ser objeto de investigação, como propõem Büchlli & Lucas (2001), podemos olhar ao redor e não apenas para trás.

### **Referências Bibliográficas**

- BALUT, Pierre - Yves; BRUNEAU, Philippe (editors). **Revue d'Archéologie Moderne et d'Archéologie Générale**. Revue annuelle du Centre d'archéologie moderne et contemporaine de l'Université de Paris-Sorbonne
- BUCHLI, Victor and LUCAS, Gavin (editors). **Archaeologies of the Contemporary Past**. Routledge, London. 2001. 191 p.
- GONZALEZ-RUIBAL, Alfredo - Time to Destroy: An Archaeology of Supermodernity. **Current Anthropology**. v. 49, Number 2, April 2008 247
- SYMONDS, James. Yes we can! But so what? Some observations on contemporary Archaeology. Disponível em: <[http://traumwerk.stanford.edu/archaeolog/2010/01/yes\\_we\\_can\\_but\\_so\\_what\\_some\\_ob.html](http://traumwerk.stanford.edu/archaeolog/2010/01/yes_we_can_but_so_what_some_ob.html)> .Acessado em: 22 out.2012.
- VELHO, Gilberto Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira – **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- THIESEN, Beatriz. **As Paisagens da Cidade: arqueologia da área central da Porto Alegre do século XIX**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC/RS, 1999.